



CURSO DE PSICOLOGIA

Daniela Jost

**SER MÃE, SER TRABALHADORA: SIGNIFICAÇÕES DO TRABALHO APÓS
A LICENÇA-MATERNIDADE**

Santa Cruz do Sul

2018

Daniela Jost

**SER MÃE, SER TRABALHADORA: SIGNIFICAÇÕES DO TRABALHO APÓS
A LICENÇA-MATERNIDADE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, como tarefa integrante da disciplina de Trabalho de Curso II, para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Marcus Vinicius Castro Witczak

Santa Cruz do Sul

2018

SER MÃE, SER TRABALHADORA: SIGNIFICAÇÕES DO TRABALHO APÓS A LICENÇA-MATERNIDADE

BE MOTHER, BE A WORKER: SIGNIFICANCE OF WORK AFTER THE MATERNITY LICENSE

DANIELA JOST

Graduanda – Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

djost@mx2.unisc.br

MARCUS VINICIUS CASTRO WITCZAK

Orientador – Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

marcus@unisc.br

Resumo

Esta pesquisa apresenta uma reflexão acerca do retorno ao trabalho de mulheres após vivenciar o período de licença-maternidade. Tem-se como objetivo geral verificar qual o sentido que o trabalho exerce após ser experienciado este processo. A importância desta pesquisa se justifica pela atualidade e relevância da temática, e também pela baixa produção científica no campo da Psicologia. Este é um estudo do tipo qualitativo, descritivo e exploratório e teve como método de coleta de dados entrevistas individuais com questões semiestruturadas com 12 mulheres de um município de pequeno porte do interior do Vale do Rio Pardo e que vivenciaram essa situação nos últimos dois anos. Depois de transcritas, as falas foram separadas e categorizadas conforme a metodologia proposta por Bardin (1977) na “análise de conteúdo”.

Palavras-chave: Mulher. Trabalho. Licença-maternidade.

Abstract

This research presents a reflection about the return to work of women after experiencing the period of maternity leave. We have as general objective to verify the sense that the work exerts after being experienced this process. The importance of this research is justified by the relevance and relevance of the subject, and also by the low scientific production in the field of Psychology. This is a qualitative, descriptive and exploratory study and had as a method of data collection individual interviews with semi-structured questions with 12 women from a small municipality in the interior of the Rio Pardo Valley and who have experienced this situation in the last two years. After being transcribed, the statements were separated and categorized according to the methodology proposed by Bardin (1977) in "content analysis".

Keywords: Woman, work, maternity license.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	05
2	METODOLOGIA.....	06
3	RESULTADOS E DISCUSÃO.....	08
3.1	E quando chega a hora de volta	08
3.2	Nunca volta a ser como antes, porque tu tens outro coração fora do teu corpo.....	11
3.3	Do fútil para o útil: o consumismo que surge com a maternidade.....	13
3.4	O que mais preocupa pra voltar a trabalhar é: quem vai cuidar do teu filho?.....	15
3.5	A dupla jornada e as profissões do cuidado: “Tem serviço que nunca acaba”	17
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
	REFERÊNCIAS.....	20
	ANEXOS	
	ANEXO A – Normas da Revista Redes.....	23
	ANEXO B – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.....	26
	ANEXO C – Roteiro de entrevista semiestruturada.....	27
	ANEXO D - Opção de ênfase.....	28

1 INTRODUÇÃO

Ainda na segunda metade do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial a mão de obra feminina foi absorvida pelas indústrias, com o objetivo de baratear os salários, trazendo neste momento as mulheres para as produções. (LOPES, s/d). A inserção feminina no mercado de trabalho se dá realmente com as Guerras Mundiais. Os homens seguiam juntamente com as batalhas militares e as mulheres passaram a assumir os negócios da família e as posições que eram antes ocupadas por estes. Com o final da Guerra este cenário já havia se modificado, pois muitos dos homens que sobreviveram aos conflitos e retornaram para casa ficaram com problemas psicológicos, mutilados e impossibilitados de voltar para suas atividades laborais. E é neste momento que o público feminino começa a deixar suas casas e cuidados maternos para dar continuidade aos projetos e trabalhos realizados antes pelos maridos. (BALTAR e LEONE, 2008).

Foi a partir dos anos de 1970 que a mulher passa a assumir outro papel dentro da sociedade. Com movimentos sindicais e feministas, buscando melhorias nas condições de vida e de trabalho. Anterior a isto, a atividade exercida por uma grande parte deste público, se resumiam a cuidar da casa e dos filhos, dedicando seu tempo exclusivamente para estas tarefas.

Demonstradas as dificuldades que estas vivenciaram para alcançar o seu espaço dentro dos papéis sociais e mercado de trabalho, tem-se que atualmente essa situação encontra-se em mudança. Dado o maior envolvimento e atuação profissional feminina as mesmas estão se deparando com o desafio de conciliar papéis: o ser mãe e o ser profissional ao mesmo tempo. A crescente participação das mulheres no mercado de trabalho levou a criação de legislações que visam à proteção feminina neste ambiente, dentre eles está o da licença-maternidade - prevista pela Constituição Federal de 1988, concede de 120 a 180 dias de afastamento de suas atividades laborais. (BRASIL, 1988).

Os objetivos desta pesquisa são o de conhecer a realidade descrita por mulheres que voltam aos seus trabalhos de origem após vivenciar o período de licença-maternidade. Ou, nas possíveis ressignificações das atividades exercidas no seu ambiente de trabalho após passar por este período.

2 METODOLOGIA

Visando compreender a realidade de mulheres que retornam ao trabalho após vivenciar o período de licença-maternidade, o presente estudo tem como metodologia a pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2014), esta abordagem compreende a investigação e o estudo da história, relações, representações, percepções, opiniões que são resultados das interpretações das pessoas, baseados em suas vivências, seus sentimentos, pensamentos e da construção de si e do meio abordando aspectos subjetivos. A entrevista é uma conversa a duas ou mais pessoas, proposta por um entrevistador para construir informações sobre o objeto de pesquisa e temas relevantes para sua compreensão. Ainda conforme a autora, ao realizarmos entrevistas com indivíduos, eles nos trazem informações após haver um processo de reflexão sobre sua realidade e essas informações só podem ser conseguidas através dos entrevistados. Por isso, utilizamos entrevistas semiestruturadas como procedimento para elaboração e efetivação da pesquisa que fundamenta este escrito.

Após a realização das entrevistas e a transcrição das gravações, os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo. Esse procedimento consiste na descrição analítica do conteúdo manifesto e sua posterior interpretação, compreendendo três fases: A primeira fase, a pré-análise, corresponde à organização do material coletado, é uma maneira de sistematizar as ideias iniciais, num plano de análise. A segunda fase, exploração do material, se refere à análise do material que foi coletado e a sistematização das informações encontradas. E a terceira fase, o tratamento dos resultados e a interpretação. Após ter material coletado, os dados foram condensados por informações semelhantes em categorias e, após esses procedimentos realizamos a interpretação dos mesmos com referencial teórico pertinente. (BARDIN, 1977).

Esta pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul e recebeu o CAAE nº 80594817.5.0000.5343. No início de cada entrevista individual, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue a cada participante e seu conteúdo foi lido e explicado. As participantes autorizaram a entrevista

mediante assinatura do termo. Uma via foi mantida com a pesquisadora e a outra entregue para a respondente, ambas assinadas.

Para localizar o público alvo deste estudo, realizamos a “Técnica de bola de neve”, que se baseia inicialmente em lançar mãos de documentos e informações, chamados de sementes, para assim localizar o perfil de pessoas desejado, dá-se o nome de sementes, em seguida solicita-se que as pessoas indicadas, indiquem novos participantes com as características desejadas, caso seja do interesse do pesquisador esse quadro pode crescer a cada entrevista. Eventualmente, chega a um ponto de saturação, onde ao continuar as entrevistas, nada de novo surgirá, e as informações obtidas não trazem novas descobertas (VINUTO, 2015).

A busca inicial ocorreu em uma creche de um pequeno município do estado do Rio Grande do Sul, após isso, a primeira entrevistada indicou outra participante e assim sucessivamente até alcançarmos o objetivo desta pesquisa. A amostra compõe-se com a participação de doze mulheres que exerceram o seu direito constitucional de licença-maternidade. Possuem escolaridade entre o ensino médio completo e superior completo. A renda média mensal encontrada foi de um até dez salários mínimos. Entre estas mulheres quatro possuem dois filhos e as demais são mães primíparas.

Depois de transcritas as entrevistas e organizados os dados, buscaram-se pontos significativos presentes nos discursos, criando-se então cinco categorias, sendo elas:

- *E quando chega a hora de voltar*, que irá falar sobre realidade descrita por mulheres que retornam ao trabalho após o período de licença-maternidade;
- *Nunca volta a ser como antes, porque tu tens outro coração fora do teu corpo*, que buscou analisar os impactos e interferências, que tanto a maternidade pode ocasionar na vida profissional, como também as atividades laborais no processo de ser mãe;
- *Do fútil para o útil: o consumismo que surge com a maternidade*, que irá falar questões de consumo relacionadas após o nascimento do filho;
- *O que mais preocupa pra voltar a trabalhar é: quem vai cuidar do teu filho?* Que relata sobre a volta ao trabalho e para quem ficará destinado os cuidados da criança;

- *O feminino e as profissões do cuidado*, que busca compreender as profissões ditas como femininas e a ligação entre o cuidado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho visa compreender como se dá o retorno ao trabalho após as mulheres vivenciarem o período de licença-maternidade. A partir das entrevistas realizadas com 12 participantes, as falas foram analisadas e categorizadas, resultando em cinco categorias que foram criadas a partir das fala das entrevistadas.

3.1 E quando chega a hora de voltar

Pode-se dizer que a maternidade se transformou, atualmente, no maior dilema da mulher contemporânea (BADINTER, 2011). Tal complexidade deve-se ao fato dos múltiplos papéis exercidos pelo público feminino, entre eles o trabalho profissional e aquele vinculado ao papel materno.

O processo de retornar às atividades de trabalho após experienciar o período de licença-maternidade é vivenciado de formas muito distintas: para algumas essa experiência é aparentemente não causadora de sofrimentos, enquanto para outras se torna um momento bastante doloroso. Isto porque, neste retorno, o sentimento maternal é mobilizado pela situação de desamparo do bebê, pois durante tal período a mulher tem estimulada a vontade de nutrir e proteger seu filho durante alguns meses (MALDONADO, 1997). Pois, nos quatro meses mínimos, destina-se seu tempo aos cuidados da criança, e quando chega o momento de retomar suas atividades diárias, ambos vivenciam diversas separações.

Segundo Parker (1995), mãe e filho vivenciam a tarefa de negociar, desde seu nascimento em diante a tarefa de ajustar uma série de separações. Estas por sua vez, podem gerar diversos sentimentos na mulher. Nas falas descritas a seguir podemos perceber o sentimento de dor causado pelo distanciamento dos filhos.

E quando chega a hora de volta, olha no começo é tudo muito doloroso pra gente, porque você precisa se afastar da pessoa que mais ama. (Entrevistada 12).

Tu até esquece de quem tu é, daí de repente, tu te vê obrigada a retornar pro teu serviço, pras tuas atividades todas e precisa se desligar da tua casa, mas isso não acontece do dia pra noite. Porque teu filho na maioria das vezes vai ficar bem sem ti, mas tu não vai conseguir ficar bem longe dele. (Entrevistada 3).

Nas falas evidencia-se que o retorno ao trabalho está cercado de diversos sentimentos, sendo o medo, a culpa e inseguranças. Para Rozsika (1995), as mães têm consciência, e se sentem culpadas por essa separação, pois o bebê por estas interiorizado relaciona-se à experiência da separação como uma rejeição. Winnicott (1999) relaciona este medo da rejeição ao fato de que durante os primeiros meses o bebê encontra-se num estado de grande dependência: "Talvez precise deixar-se envolver pelo ritmo respiratório da mãe, ou mesmo ouvir e sentir os batimentos cardíacos de um adulto, talvez lhe seja necessário sentir o cheiro da mãe ou do pai" (p. 75). Apresentando necessidades físicas e as necessidades de afeto, que só o contato humano pode satisfazer.

Da mesma forma que os bebês são dependentes dos cuidados maternos, percebeu-se também a dependência da mãe no trecho a seguir:

Os primeiros dias na realidade tu não se concentra no trabalho, tu tá é pensando, se vão ta bem cuidado, se não vão chorar, ai como as minhas tinham problemas com a alimentação também, tu se preocupava nisso, será que vão cuidar? (Entrevistada 2).

A preocupação desta participante, em deixar seu filho e ir para o trabalho evidencia-se na fala acima. Em Winnicott (2003) encontra-se a afirmação que são nos primeiros meses do filho que a mãe vivencia a preocupação materna primária, que proporciona a ela uma sensibilidade cada vez maior em relação às necessidades do bebê e dedica-se completamente a este. Nesse momento, as genitoras se preocupam de tal forma que se sentem incapazes de levar adiante outras tarefas.

Parker (1997) afirma que o momento de separação entre mãe e filho é complexa é também dolorosa. Pois ao mesmo tempo em que a mulher deseja sentir-se livre, existe o medo de levar o bebê a um sentimento de abandono. Enquanto para alguns pais a separação é algo almejado e planejado, para

outros se torna uma situação dolorosa, e emoções contraditórias acompanham a nova mãe.

Do mesmo modo em que são ressaltados aspectos negativos sobre essa vivência, existem também pontos considerados positivos, tais como sentir-se realizada no seu ambiente de trabalho. Como aparece a seguir:

Quando retornei ao trabalho, estava bem preparada para voltar à vida cotidiana, sempre gostei de trabalhar com pessoas e isso me faz bem, então foi prazeroso retomar. (Entrevistada 3).

Na verdade não mudou nada eu acho, eu atendia meus pacientes e sabia que ela tava do meu lado né, que qualquer coisa iam me chamar. E isso acontece até hoje, porque eu ainda vou trabalhar sabendo disso. (Entrevistada 11).

Nas falas acima, é demonstrado que o retorno às atividades profissionais, indica que embora muitas mudanças aconteçam com a chegada de um filho, o bom planejamento e boas condições socioeconômicas permitem que este não seja causador de sentimentos dolorosos. Fato comprovado nesta pesquisa, pois as mulheres com rendas mensais acima de oito salários mínimos confirmam estarem preparadas para a volta. Ao mesmo tempo em que, para as que possuem renda inferior a três salários mínimos, o retorno se torna causador de culpa.

Outro aspecto positivo é a visibilidade que o trabalho ocupa na vida das entrevistadas, ou seja, como são vistas a partir das funções que exercem. Para Jonathan (2005) as mães que trabalham possuem índices mais altos de bem-estar do que as que não trabalham isto porque a combinação entre trabalho e maternidade traz sentimentos de satisfação e realização. Dessa forma, podemos perceber o dilema da mulher moderna, que busca a articulação entre a vida profissional e maternal.

O enfrentamento do retorno ao trabalho é apenas o início das articulações necessárias que a mãe irá enfrentar. A seguir busca-se analisar os impactos e interferências, que tanto a maternidade pode ocasionar na vida profissional, como também as atividades laborais no processo de ser mãe.

3.2 Nunca volta a ser como antes, porque tu tens outro coração fora do teu corpo

Atualmente, segundo a Organização Internacional do Trabalho (2014), mais de 41 milhões de mulheres participam do mercado de trabalho no Brasil, representando uma participação de quase 50% na População Economicamente Ativa. Com estes dados percebeu-se a crescente participação feminina no mundo do trabalho, em consequência disso, os dilemas entre os múltiplos papéis ocupados pelas mesmas entram em questão.

Nesta categoria compreende-se o quanto a maternidade pode interferir na carreira profissional, bem como as atividades laborais no processo de ser mãe. Os obstáculos que as mulheres enfrentam no mundo de trabalho são diversos, de acordo com Neto, Tarune e Andrade (2010), que afirmam que além dos preconceitos já arraigados, existe a sobrecarga relacionada ao cuidado dos filhos versus as jornadas de trabalho.

Meu trabalho é serviço de limpeza, é pesado, daí muitos dias tu passa a noite em claro com a filha que não “tava” bem, mas de manhã precisa acordar cedo, ajeitar ela, levar pra creche e depois ir pro teu serviço. Daí a gente se sente exausta, cansada mesmo, doe o corpo e o coração, tu quer cuidar mas precisa trabalhar. (Entrevistada 6).

Na rotina laboral da entrevistada 6 percebe a exaustão pela dupla jornada e ressalta os aspectos físicos do seu trabalho. Verifica-se também a ambivalência de sentimentos, pois relata que “doe o corpo e o coração”, tal sentimento de dor está relacionado também à culpa, pois a necessidade de ter que deixar o filho para trabalhar faz parte de sua realidade.

Na Revista Crescer de maio de 2007, Márcio Vassallo comenta que: “a maternidade traz muitas angústias para a mulher. A maior delas é a de ter de ser a melhor mãe do mundo. O que não é possível. Em consequência, vem o sentimento de culpa. Nem todas as mulheres aprendem a lidar bem com tudo isso.” (p. 39). O que fica evidenciado nas falas seguintes é o sentimento de culpa presente e a necessidade do trabalho.

Tu percebe que precisa trabalhar, mas daí tu também te culpa por não poder ficar com o teu filho sabe? Pra se bem sincera contigo, eu acho que quando a gente vira mãe, nasce teu filho e também a culpa

(silêncio). Porque tu vive assim, como vou te dizer, tipo numa corda bamba. (Entrevistada 1).

Acho que ser mãe e trabalhar fora não é fácil e isso dificulta sim o trabalho, até porque muitas vezes foram noites mal dormidas, foram preocupações com ele doentinho, enfim, momentos que não tem como você se sentir cansada ou preocupada durante o trabalho, porque uma vez mãe, você é mãe o tempo todo. (Entrevistada 12).

De acordo com Spindola e Santos (2003) a sensação de culpabilidade é um sentimento que está associado ao papel de boa mãe. Este anseio está relacionado com a cultura e com o processo de educação e socialização do indivíduo. Este pensamento vincula-se com o que Grant (2001), relata que trabalhar e ser uma mulher bem-sucedida, na maioria das vezes é lidar com muitos conflitos e culpas. Esta é a mulher, mãe e profissional pós-moderna.

Entre as entrevistadas encontramos falas sobre o prazer e o gostar do seu trabalho, bem como conseguir dar continuidade as atividades antes atingidas, mas também questões de ansiedade para voltar para a casa e ficar com os filhos. Alegre (2011) menciona que mesmo que os sentimentos de saudade apareçam enquanto estão em suas atividades laborais, a perspectiva de satisfação e realização pessoal está presente.

A visão de trabalho não mudou muito, continua a ser, assim, a forma de ganhar e ter. Muda na questão que te disse sobre prazer, gosto de trabalhar, é bom, mas com uma criança pequena, que precisa mais de ti, tu não vê a hora de terminar o turno e ir pra casa ficar com ela. (Entrevistada 5).

A dificuldade no serviço não, nas coisas que vinha fazendo foi indo mesmo, mas eu tive muita dificuldade de ficar longe do meu filho. (Entrevistada 7).

Para uma das entrevistas, a opção “*de largar o trabalho*” para dedicar-se ao cuidado do filho também foi mencionada.

O que mudou foi que o trabalho ficou em segundo plano, o meu filho foi pra primeiro plano. E aí eu acabei parando de trabalhar pra dá mais atenção pra ele. (Entrevistada 8).

Segundo pesquisa realizada pela Escola de Economia e Finanças da Fundação Getúlio Vargas, disponibilizado em 2017 na folha UOL, metade das mulheres que exercem a licença-maternidade não retornam ao trabalho. Os fatores que ocasionam tal situação são diversos, algumas optam por acordos, onde conseguem receber a benefício social, como o FGTS, e assim podem

dedicar-se aos cuidados dos filhos, em contrapartida existem casos de desligamentos das empresas.

Para as entrevistadas, o trabalho deixou de ocupar o lugar central de suas vidas, papel que acaba repassado à maternidade. Isto está em consonância a reportagem apresentada na revista Crescer anteriormente mencionada: “na hora de fazer um *ranking* de prioridade de seus papéis, certamente o de mãe nem entra na disputa. Ele sempre estará em primeiro lugar e ninguém discute isto”. (VASSALO, 2007, p. 39).

Para Barbosa et al. (2007), mesmo com todas as mudanças relacionadas à mulher e sua inserção no mundo de trabalho, ainda prevalece à crença de que devem priorizar a maternidade e vida familiar, ou seja, as atividades laborais deixam de ocupar o lugar central.

Assim, conclui-se que a experiência da maternidade tem forte impacto na vida destas mulheres: uma delas faz a opção de deixar o trabalho para dedicar-se ao cuidado do filho; as demais buscam meios de reorganizarem-se para manterem-se ativas no mercado de trabalho, visando assim um equilíbrio entre suas atividades. Entre as perspectivas envolvidas em um contexto tão amplo como o de ser mãe e ser trabalhadora, surgem novas visões e modos de pensar, que serão explorados na categoria seguinte.

3.3 Do fútil para o útil: o consumismo que surge com a maternidade

É inegável que o consumo é parte essencial da vida humana e que através dele alguns objetivos da sociedade podem ser alcançados. Quando assume dimensões para além do ato em si, tem-se o consumismo. Este é experienciado de maneira muito particular por aqueles que o vivenciam e estão envoltos em uma rede de significados incomensuráveis: felicidade, hedonismo, sonhos de conquistas, rituais de passagem, *status* social, satisfação das necessidades básicas, troca de identidade. (BAUMAN, 2008).

Nos relatos coletados, percebe-se que ainda durante a gestação, o consumismo já se manifesta presente neste processo. Segundo Vendrusculo e colaboradores (2012, p. 8) “A notícia de que há um bebê a caminho, aponta para uma série de mudanças na vida de um casal, especialmente no que se

refere em preparar a chegada do filho”. Assim o casal passa a consumir para o nascimento do bebê. O que pode ser visto na fala da entrevistada 1.

Tu não pensa mais em ti, tu esquece das tuas vontades e pensa no teu filho. Logo que descobri a gravidez a gente já começou a fazer um “caixinha”, e tudo era em função do filho, era guardar dinheiro pra montar o quartinho, comprar as roupas e coisinhas dele sabe. E eu não falo de uma maneira de que foi ruim. Foi a melhor coisa e investimento da minha vida. (Entrevistada 8).

Na fala mencionada acima, o consumismo se manifesta presente desde a descoberta da gravidez, bem como acaba por relacioná-la a um investimento financeiro. Um consumo que Bauman (2008, p. 153) define como ciclo de “materialização do amor” caracterizado por ter um movimento na insaciabilidade dos mais diversos desejos e vontades.

Pensando no futuro delas, “hã”, a gente tenta sempre o melhor, ter mais condições pra, até porquê o mundo de hoje, exige muito das crianças no futuro, então tu tendo um emprego melhor, um ganho melhor, uma estabilidade, a gente vai poder dar condições, dar estudo pra elas serem pessoas melhores no futuro, dar o que a gente não teve (Entrevistada 2).

Minha preocupação era o trabalho e o estudo, agora não. Preciso primeiro comprar uma casa, que a gente mora de aluguel, daí preciso terminar a faculdade, mas tudo em volta do meu filho, tu quer dá uma vida melhor do que a que tu tem pra ele. (Entrevistada 7)

De acordo com Bauman (2008), a publicidade e a sociedade de consumo atuam dando uma falsa impressão de igualdade entre as pessoas, pois não distinguem as classes menos favorecidas das mais favorecidas. Dessa forma, o ato de trabalhar na visão destas mulheres é percebido como a possibilidade de oferecer uma vida melhor para seus filhos, proporcionando melhores condições comparadas as que as mesmas tiveram para si.

Os perfis das mulheres entrevistadas se diferem em diversos aspectos, tais como, idade, profissão, renda mensal, mas em sua maioria, o modo de consumo mudou a partir da gestação das entrevistadas, a redução dos gastos consigo mesma está ligada a necessidade de novas despesas que surgem com a maternidade, mas na maior parte percebeu-se os desejos de investimentos, tais como uma boa educação. Ou seja, o consumismo se mantém presente, o que muda é o objeto de desejo.

Em contraponto as questões materialistas e de consumo, uma entrevistada difere seu pensamento das demais.

Parei de ser tão materialista, passei a dar mais valor aos pequenos momentos, a ver que a vida só começou realmente depois que vi aquele rostinho nos meus braços, que ter um filho torna a gente humanos de verdade, não faço planos, aprendi com ele que tudo que se vive na hora é mais intenso e verdadeiro. (Entrevistada 12)

O nascimento do filho concretiza o sonho e projetos futuros em uma materialização diferente da assumida por questões de consumo. Mesmo que contrariando normas sociais referentes ao trabalho: não planejando os próximos passos e buscando aproveitar o tempo que tem com a criança. A Entrevistada 12 chega a caracterizar esse fato como “o seu maior plano” no momento.

Além destes eventos e mudanças consideráveis, existem vários anseios que permeiam a maternidade, entre eles o dilema vivenciado, onde quem cuidará do filho quando chega a hora de retomar as atividades laborais. Aprofunda-se esta temática na próxima sessão

3.4 O que mais preocupa pra voltar a trabalhar é: quem vai cuidar do teu filho?

Entre os problemas vivenciados pelas mulheres encontrou-se a condição de quem ficará com o filho para que possam retomar ao trabalho após a licença-maternidade. Atualmente existem diversas possibilidades a respeito de onde e com quem deixar destinado o cuidado das crianças, porém as realidades são distintas para cada mãe, sendo necessário uma reorganização em suas vidas para que de fato possam voltar as atividades antes realizadas.

Eu consegui deixar minha filha com a mãe pra cuidar, da família sempre tem ajuda, porque né o que mais preocupa pra voltar a trabalhar é quem vai cuidar do teu filho? (Entrevistada 10)

No começo eu não tinha conseguido creche, e aí a minha mãe foi ficar com ele. Só que ele tem contato com a minha mãe só final de semana, e ele não se adaptou, ele chorou muito, ele chorava demais. (Entrevistada 8)

De acordo com Curtis (1998), a opção de alguém da família para a realização do cuidado dos filhos é muito importante, pois permite que a criança permaneça em uma atmosfera familiar, o que possibilita uma maior atenção, deixando assim os pais mais tranquilos quanto a essa escolha. O autor aponta duas possibilidades: a primeira delas seria iniciar este processo com antecedência, o que proporciona aos pais um maior cuidado e menos angústia; a segunda, desvantajosa, é a impossibilidade da criança socializar com outros de sua idade, o que pode ser proporcionado nas escolhinhas e creches. Nesse aspecto ressalta a importância de os pais conhecerem bem o local onde se exercerá o cuidado, o que os deixará mais tranquilos.

Ressalta-se que nem sempre decidir pela ida a creche é uma escolha e sim a única opção encontrada para que se possa retomar ao trabalho. Isto também está presente no discurso de uma participante.

Me ajeitaram uma vaga na creche, daí eu consegui voltar a trabalhar logo, porque ele tava na fila, e como a creche é do meu meio conseguiram ajeitar pra mim, mas só ajeitaram porque precisavam de mim lá, não era o que eu queria, mas no fim deu certo, se adaptou. (Entrevistada 6)

Além da preocupação com o espaço destinado ao cuidado dos filhos, algumas mulheres falam sobre as facilidades que tiveram nesse período, conciliando a ajuda da parte da família e da empresa onde atuam.

Minha mãe cuida dele, então é uma baita ajuda, e nisso da empresa também teve, porque a minha mãe podia leva ele lá pra mim amamentar, então ajudou bastante (Entrevistada 7)

No trabalho os colegas colaboraram, para que fosse tranquilo, eu estava ainda amamentando, então precisava me ausentar em alguns períodos, e sempre tive apoio. (Entrevistada 11)

Minha mãe me ajudou muito, ela cuida do Otávio, ela me acalmava sabe, me dava bastante conforto que tudo ia ficar bem. E não é que ficou? (risos). E da empresa também, eu podia sair pra dar o "mamã", como a prefeitura e a creche são quase grudadas eu podia fazer isso, e ninguém implicava por isso. Já ajudou muito. (Entrevistada 1)

Um ambiente harmonioso e compreensível para a mulher que acaba de retornar ao seu trabalho é sem dúvida fundamental nesta construção. Aliado a isso, a colaboração de colegas e da empresa torna-se fonte de motivação para quem está retomando às suas atividades diárias.

Concluindo, percebe-se que as mulheres conseguiram organizarem-se os cuidados dos filhos para a volta às suas atividades. Mas o dilema entre seus múltiplos papéis não se encerra aqui. A dupla jornada vivenciada também permanece presente, o que será trabalhado na próxima categoria.

3.5 A dupla jornada e as profissões do cuidado: “Tem serviço que nunca acaba”

Percebe-se que tanto a concepção de trabalho quanto a inserção feminina no meio sofreu diversas modificações e construções até chegar aos dias de hoje. O trabalho feminino, segundo Nogueira (2006), apresenta algumas características, entre elas a dupla jornada em que concomitante às atividades laborais, a mulher realiza o trabalho doméstico e com a família, neste sentido o ser mãe.

Com a Revolução Industrial Inglesa no século XVIII, iniciou uma mudança na concepção de trabalho. Antes desvalorizado por ser realizado por servos e escravos, o trabalho passou a ser valorizado, representando a liberdade das pessoas na medida em que, por meio dele, poder-se-ia criar e transformar as coisas. Neste período as mulheres também começaram a se inserir no mercado de trabalho, ocupando lugares não qualificados, e a justificativa era de que as mesmas não possuíam conhecimento para os demais serviços. Durante a primeira guerra mundial, exerciam as funções de enfermagem, e também ocuparam postos de trabalho nas indústrias de confecção, além disso, foram solicitadas também nos meios rurais, pois as atividades não poderiam parar enquanto a guerra durasse. (TEIXEIRA, 1998).

Sou Profe do quinto ano, e também dona de casa, porque não dá pra falar em trabalho sem contar a casa da gente, lá sim tem serviço que nunca acaba (risos) (Entrevistada 3)

É em loja de roupa, faço vendas, cuido da limpeza da loja, projeto vitrines. Sem falar da minha casa, porque eu trabalho o dia todo né, daí quando chego não paro, tem que fazer comida, limpar casa. Porque homem né, meu marido não faz nada em casa. (Entrevistada 7)

Hoje, pensando-se nas relações profissionais, os desafios apresentados a homens e mulheres são os mesmos. Há uma exigência social por

comportamentos masculinos associados ao desempenho feminino, sem esquecer que a mulher ainda tem que enfrentar jornadas duplas quando preciso. Tendo após o tempo do trabalho profissional, outro tempo para se dedicarem a suas casas, marido, filhos, dentre outras coisas (MACEDO, 2009). Associados a diferença salarial, a dupla jornada e o pouco espaço nas decisões são os maiores desafios encontrados pelas mulheres (GOMES, 2005).

Segundo Bôas (2017), usando como base dados do IBGE (coletados entre 2009 até 2012) considerado o tempo no emprego e das atividades domésticas, a semana dupla da mulher rende 2,9 horas a mais que a dos homens. Em média 54,4 horas semanais, enquanto a carga masculina é de cerca de 51,5 horas. “As mulheres tendem há dedicar mais horas aos afazeres domésticos e aos cuidados com pessoas do que os homens” (sp) avalia a pesquisa.

Dessa forma podemos compreender os motivos de exaustão causados pelas duplas jornadas de trabalho enfrentadas atualmente pelas mulheres. A igualdade de gênero em relação à divisão do trabalho doméstico ainda representa um peso extra que a mulher tem que carregar.

Mesmo com todo o avanço das últimas décadas, ainda vivemos o paradigma das profissões ditas masculinas e femininas, para as entrevistadas fica evidente o trabalho relacionado ao ato de cuidar. Atividades com monitoras, professoras, dentistas, nutricionista, entre outras, onde o cuidado com o outro está presente. Tal fato pode estar relacionado ao local onde as participantes desta pesquisa residem, sendo um pequeno município do interior.

Eu sou a nutricionista, da prefeitura né, e o que eu faço é cuidar das questões relacionadas a nutrição das creches e também da escola aqui da cidade. (Entrevistada 5).

Sou monitora da creche, cuido das crianças do berçário. (Entrevistada 6).

Eu sou serviços gerais né, daí tem a limpeza da prefeitura e cuidar da copa também, deixar o café feito pros funcionários, essas coisa. (Entrevistada)

Wolff (2010) afirma a existência de trabalhos e ocupações consideradas "femininas", como têm sido as profissões ligadas à educação e aos cuidados,

especialmente na saúde. Mesmo com toda a mudança de paradigmas sociais encontrados atualmente, esta é uma questão ainda presente na sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a inserção feminina no mercado de trabalho causou várias mudanças, tanto no contexto econômico, como também no social. E isso ainda representa e remete a uma série de desafios. Encontramos assim o acúmulo de atividades, tais como o ser profissional e mãe. É fato que tanto as pressões enfrentadas no contexto familiar, como as vivenciadas no ambiente de trabalho irão interferir uma na outra, sendo necessária a busca de um equilíbrio físico e emocional.

O retorno ao ambiente profissional não é um processo fácil, pois que depende de diversos fatores (sociais, financeiros e emocionais). As mulheres ficam afastadas do seu trabalho remunerado para dedicarem-se aos cuidados maternos. Após esse curto espaço de tempo precisam se inserir novamente retomar suas atividades enquanto trabalhadoras. Voltar a trabalhar após esse tempo com os filhos é uma transição difícil que exige muito da mãe e profissional. Irão enfrentar a partir de então uma situação que envolverá demandas de difícil conciliação, tanto a readaptação ao próprio trabalho como a reorganização de suas atividades maternas.

Esta pesquisa não esgota todas as questões relacionadas ao tema. O retorno às atividades laborais remuneradas, objetivo inicial deste trabalho, não foi aprofundado como se esperava, visto que para as entrevistadas o ser mãe ocupa o topo de suas prioridades. Acredita-se que muitos estudos precisam ser realizados para entender a completude desta relação para a mulher moderna.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011 disponível em <[http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf)> Acesso em 25 de maio de 2018.
- BALTAR, P.; LEONE, E. T. *A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro*. Revista brasileira de Estudos Populacionais, São Paulo, v.25, n.2, p. 233-249, jul/dez. 2008.
- Barbosa, P. Z., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). *Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões*. Psicologia Clínica, 19(1),163-185. doi:10.1590/S0103-56652007000100012. Recuperado em <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/12.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2018.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Portugal: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- BRASIL. *Constituição(1988). Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 de setembro de 2017
- CARVALHO N. et al. *Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos*. RAE electron., São Paulo , v. 9, n. 1, June 2010 . disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482010000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 de junho de 2018.
- CURTIS, Glabe . *A gravidez depois dos 30*. São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- FOLHA ON-LINE. São Paulo. Diário. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/09/1915846-metade-das-mulheres-perde-emprego-apos-licenca-maternidade.shtml>>. Acesso em: 19 de junho de 2018
- GRANT, Walkiria Helena. *A maternidade, o trabalho e a mulher. LEPSI IP/FE-USP, 2001*. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300008&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 15 de julho de 2018.
- JONATHAN, Eva Gertrudes. *Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida*. Maringá , v. 10, n. 3, p. 373-382, Dec. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 12 de junho 2018

LOPES, Carmem. Lucia. Evangelho. 8 de março, *Dia Internacional da Mulher – Uma data e muitas histórias*. Disponível em <
[http://www.ubmulheres.org.br/paginas /história](http://www.ubmulheres.org.br/paginas/historia)> Acesso em 15 julho de 2018.

MACEDO, Viviane. *Mulher: de sexo frágil a sexo ágil!* Catho, ed. 305, set. 2009. Disponível em: . <http://www.ppq.com.br/artigos/mulher-de-sexo-fragil-a-sexo-agil/>

MALDONADO, Tereza Maria. *Psicologia da gravidez: parto e puerpério*. 14ª ED. São Paulo: Saraiva, 1997.

MINAYO, Maria C. de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*.14 .ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NOGUEIRA, Maria. Conceição. Oliveira. Carvalho. *Os discursos das mulheres em posições de poder*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 9, n. 2, p. 57-72, 2006.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *O abc dos direitos das mulheres trabalhadoras e da igualdade de gênero*. – 2ªed, 2007. Disponível em :

http://www.oit.org.br/sites/default/files/topic/gender/pub/abc_dos_direitos_das_mulheres_606.pdf

Parker, Rozsika. *A mãe dividida: a experiência da ambivalência na maternidade*. Rosa dos tempos. 1995

Porto Alegre, Alana. (2011). Expectativas profissionais após a maternidade. Monografia de especialização não publicada, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. *Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)*. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 119-26, jun. 2003.

TEIXEIRA, Sérgio Torres. *Proteção à relação de emprego*. São Paulo: LTr, 1998.

Vassallo, Márcio. *Revista Crescer*. 2007. São Paulo. Ed 164

Vendruscolo, et e al. (2012). *A relação entre o aleitamento, transição alimentar e os indicadores de risco para o desenvolvimento infantil. Distúrbios da Comunicação*. ISSN 2176-2724, 24(1).

VINUTO, Juliana. *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. Disponível em file:///C:/Users/Win/Downloads/2144-6186-1-PB%20(1).pdf Acesso em 10 de junho de 2018.

WINNICOTT, Donald Woods. *Os bebês e suas mães*. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes,1999.

_____. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2003.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Profissões, trabalhos: coisas de mulheres*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 503-506, Aug. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000200012&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Junho 2018.

Anexo A – Normas da Revista Redes

Diretrizes para Autores – Revista Redes

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. Os artigos devem ter no máximo 30 páginas.
2. FONTE: de preferência, Humanst531 BT, 12; senão, arial 12; Título em negrito, tamanho 16.
- 2.1 CONFIGURAÇÃO DA PÁGINA: margens superior 2,5; inferior 2,5; esquerda 3,0; direita 3,0.
- 2.2 PARÁGRAFO: entrelinhas, de preferência, "pelo menos" 15 pt, espaçamento antes e depois 4pt.
3. A primeira página, além do início do texto, deverá conter o título do trabalho em português e em inglês, o(s) nome(s) do(s) autor(es), titulação, local de trabalho e função que exerce, endereço para correspondência (completo) e endereço eletrônico (e-mail) institucional.
4. Além disso, ainda na primeira página, deverá ser apresentado um RESUMO (em português) e um ABSTRACT (em inglês), ambos em um único parágrafo. Artigos escritos em língua estrangeira deverão inverter a ordem de apresentação: em primeiro lugar o Abstract (em inglês) e em seguida o Resumo (obrigatoriamente em português). No final do Resumo e do Abstract deverão constar Palavras-chave e Keywords respectivamente, indicativas dos principais assuntos tratados no artigo.
5. Os artigos, resenhas, documentos, comentários e comunicações científicas, notas de pesquisa devem estar vinculados preferencialmente com o contexto do desenvolvimento regional e serem escritos também, preferencialmente, em língua portuguesa, espanhola ou inglesa.
6. As indicações bibliográficas deverão estar em ordem alfabética, dentro das normas usuais. Exemplos:

Um autor

COBRA, Marcos. Marketing essencial: conceitos, estratégias, controle. São Paulo: Atlas, 1988. 502 p.

Dois autores

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica; para uso dos estudantes universitários. 2. Ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. 144 p.

Três autores

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. Dicionário de política. 4. Ed. Brasília: EDUnB, 1992. 530 p.

Quatro ou mais autores

FRANÇA, J. L. et al. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 3. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. 191 p. Organizador, coordenador etc.

BECKER, Dinizar Fermiano (Org.) Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade? Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997. 238 p.

Textos integrantes de uma coletânea

STOREY, Christine. Gênero e educação ambiental na Amazônia. In: NOAL, F. O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. de (Org) Tendências da educação ambiental brasileira. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998, p. 11-25.

Trabalhos apresentados em eventos

MOREIRA, A. F. B. Multiculturalismo, currículo e formação de professores. In: SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2., 1998, Santa Cruz do Sul. Anais... Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998, p. 15-30.

Artigos de publicações periódicas

* Com o autor identificado

STRECK, Lênio Luiz. Direito penal, criminologia e paradigma dogmático: um debate necessário. Revista do Direito - Departamento de Direito da UNISC, Santa Cruz do Sul, n. 4, p. 71-89, dez. 1995.

* Sem autor identificado

COMPUTADOR facilita dia a dia dos designers. Design gráfico, São Paulo, v. 4, n. 25, p. 28-31, 1999.

Artigos de Jornal

AZEVEDO, Dermi. Sarney convida igrejas cristãs para diálogo sobre o pacto. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 out. 1985. Caderno de Economia, p. 13.

Entidades coletivas

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL. Plano de desenvolvimento institucional. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1993.

Especificação de volume

* Periódicos

SIGNO. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1975-. Semestral. ISSN 0101-1812.

FOLHA ON-LINE. São Paulo. Diário. Disponível em: . Acesso em 27 ago. 2001.

REVISTA DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA. Brasília: Brasília Jurídica, 1997- Mensal. CD-ROM. Ementário da Jurisprudência do STJ.

Dissertações, teses etc.

RATHKE, Fabiana Silveira. Avaliação da qualidade da água em propriedades de produtores de tabaco nos municípios de Gramado Xavier, Sinimbu e Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, utilizando bioensaios. 2001. 256 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado e Doutorado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 2001.

Congressos, conferências, encontros e outros eventos científicos

CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1, 1980, Salvador. Anais... Salvador: FEBAB, 1980. 350 p.

7. Para citações bibliográficas no corpo do texto, sugere-se o sistema autor-data e, se for o caso, autor-data-página. Nas citações com indicação de fonte entre parênteses, as chamadas pelo sobrenome do autor ou pela instituição responsável devem ser em letras maiúsculas; se aparecerem no texto, devem estar em minúsculas.

Exemplos:

"Pode-se concluir que as organizações [...] estão se aperfeiçoando." (SILVA, 2001, p. 4).

Silva (2001, p. 4) diz que "pode-se concluir que as organizações [...] estão se aperfeiçoando".

8. As ilustrações e tabelas [indicar fonte (dados bibliográficos)] devem ser incorporadas no texto, numeradas em arábico, consecutivamente, sempre que possível na ordem em que aparecem no texto.

Anexo B – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Licença-maternidade: vivências sobre o retorno ao trabalho

- I - Esta pesquisa tem o propósito de compreender como se dá o processo de sentido do trabalho após passar pelo período de licença-maternidade. Tem como objetivos, compreender o quanto a maternidade pode interferir na carreira profissional e vice-versa, bem como investigar os sentidos que o trabalho assume após esta fase.
- II - Iremos realizar entrevistas individuais e semiestruturadas com doze mulheres que vivenciaram o período de licença-maternidade e retornaram ao trabalho.
- III - Ao relembrar o processo de reinserção ao ambiente de trabalho após o período de licença-maternidade, a mulher em questão poderá sentir desconfortos em relembrar a situação vivenciada. Caso isso ocorra será realizado uma escuta individual por parte da entrevistadora.
- IV - A partir dos resultados obtidos com a pesquisa, poderão ser realizados novos estudos que auxiliem as mulheres ao retorno ao trabalho, bem como compreender esse período único na vida de cada uma.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
- de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Professor Doutor Marcus Vinicius Castro Witczak. Fone (51) 3717-7388.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: 051 3717 7680.

Data: ____/____/____

Marcus Vinicius Castro Witczak
Pesquisador responsável

Nome ou assinatura do
paciente ou voluntário Daniela Jost
Pesquisadora auxiliar

Anexo C – Roteiro de entrevista semiestruturada

Roteiro entrevista semiestruturada

Escolaridade:

Renda:

Filhos:

Idade do filho no momento (em meses):

Cargo empregatício:

Funções exercidas no trabalho:

Qual sua rede familiar?

Filho planejado?

Idade com que tornou-se mãe pela primeira vez?

Como tu vias o trabalho antes da tua maternidade?

Essa visão se modificou durante a gestação? Se sim, por quê?

Chegaste a exercer a licença-maternidade?

Visão do trabalho após retornar do período de licença-maternidade?

Encontrou no retorno ao trabalho dificuldades frente ao retorno das atividades laborais?


Houveram facilidades neste retorno (por parte da empresa, família)?

Houveram dificuldades neste retorno (por parte da empresa, família)?

Sobre seus projetos futuros pensando antes e depois da gestação, aconteceram mudanças?

Existe mais alguma coisa que você vivenciou neste período e ache relevante apontar ?

Anexo D - Opção de ênfase

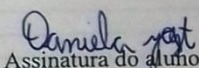

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

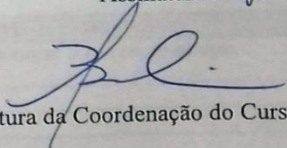
OPÇÃO DE ÊNFASE

Eu, DANIELA ROSI....., curso n° 1743.....,
matricula n° 59999....., venho, por meio desta, formalizar a minha opção de ênfase
curricular, com vistas à realização de disciplinas específicas, bem como do cumprimento
dos requisitos estabelecidos no projeto pedagógico do curso de Psicologia.

() Processos Clínicos
(X) Psicologia e Políticas Públicas

Santa Cruz do Sul, 01/09/16 .


Assinatura do aluno


Assinatura da Coordenação do Curso

AV. INDEPENDÊNCIA, 2293 CEP: 96815-900 | SANTA CRUZ DO SUL - RS | 51 3717.7300 | WWW.UNISC.BR